

ARNO BENTO MUSSOI

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA**

**Artigo apresentado como requisito parcial
para obtenção da certificação do Programa
de Desenvolvimento Educacional do Paraná
em convênio entre Secretaria de Estado da
Educação do Paraná e UNICENTRO.**

Orientadora: Wanda T. Pacheco dos Santos

GUARAPUAVA

2008

A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.

Arno Bento Mussoi¹

Wanda Terezinha Pacheco dos Santos²

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a sociedade contemporânea passa atualmente por um processo de transformação jamais visto na história da humanidade, que exige das pessoas constante contato com as diversas tecnologias, principalmente aquelas voltadas para as áreas da eletrônica e da informática, surgidas a partir da era digital.

Acompanhando estas transformações, a imagem, como subproduto das comunicações, popularizada atualmente nas diversas camadas sociais, vem promovendo profundas alterações no modo de vida das pessoas.

Embora, este acesso represente um avanço por si só, não significa democratização do conhecimento, mas contrário, pode representar uma nova forma de alienação criada para atender aos interesses capitalistas no mundo globalizado.

Neste contexto, é inquestionável a importância da educação, base fundamental do desenvolvimento, no sentido de proporcionar uma leitura do mundo onde a imagem desempenha um papel fundamental. Cabe à escola como instituição e aos professores como agentes do conhecimento, a responsabilidade por este processo de formação dos sujeitos que enfrentarão os novos paradigmas da sociedade contemporânea.

Se estas novas tecnologias a mercê dos interesses capitalistas, podem representar uma forma de alienação, aliadas das instituições educacionais poderão desempenhar papel inovador no processo de ensino-aprendizagem.

Na prática, porém, este processo ocorre de forma lenta, chegando com anos de atraso no meio escolar. Sua viabilização exige condições de acesso, superação de obstáculos, desenvolvimento de novas linguagens educacionais, novos procedimentos metodológicos entre outros.

Transformar a imagem, produto das novas tecnologias da comunicação em aliada da educação se constitui o objetivo deste trabalho.

¹ Autor e professor PDE da disciplina de Geografia do Município de Laranjeiras do Sul, Estado do Paraná.

² Orientadora e prof.^a da UNICENTRO – Campus de Irati - PR.

Pelas possibilidades que oferece no enriquecimento das aulas através da leitura visual, destacamos o uso da fotografia como uma linguagem educacional que se agrega as demais, para ser utilizada pelos professores de Geografia no Ensino Fundamental e Médio.

Para tanto, a nossa proposta é de desenvolver um roteiro constituído por um conjunto de orientações metodológicas, no sentido de auxiliar os professores de Geografia do Ensino Fundamental e Médio, no encaminhamento de atividades que utilizem o recurso da fotografia como uma linguagem visual a ser utilizada para leitura e interpretação do espaço.

Este roteiro tem como ponto de partida as experiências docentes de mais de uma década no trabalho com fotografias, realizadas com os alunos do Colégio Estadual Floriano Peixoto do Município de Laranjeiras do Sul e as discussões no Grupo de Trabalho em Rede – GTR³ do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná – PDE⁴, fundamentado nas Diretrizes Curriculares de Geografia para o Ensino Básico do Estado do Paraná – DCEs⁵ e nos vários estudos já publicados, abordando este tema nos mais diferentes enfoques.

No primeiro caso, através da experiência docente foi possível observar que a fotografia constitui um importante recurso didático, podendo contribuir na formação dos conceitos geográficos básicos e no entendimento das relações sócio-espaciais, à medida que desperta no aluno o desejo de aprender através da linguagem visual. A leitura do espaço pela fotografia torna as aulas mais interessantes e prazerosas, levando os alunos a buscarem outras fontes para aprofundar seus conhecimentos.

Em relação ao trabalho no GTR, foi possível estabelecer um canal de comunicação com os professores da rede pública inscritos no grupo de estudos para discutir o *Plano de Trabalho*⁶ e o *Material Didático*⁷ do PDE. Por manifestar os anseios de quem está vivendo o dia-a-dia na sala de aula, as discussões levantadas no curso ofereceram importantes reflexões que subsidiaram a construção deste roteiro.

No que se refere à fundamentação teórico-metodológica, este roteiro procura embasamento nas DCEs, documento oficial editado pela Secretaria de Estado da Educação do

³ GTR - Grupo de Trabalho em Rede é uma atividade do Programa PDE que se caracteriza pela interação dos professores através da rede virtual, e busca efetivar o processo de formação continuada promovido pela SEED-PR.

⁴ PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional, implantado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná em cooperação com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior como uma política educacional de formação continuada dos professores da rede pública do Estado.

⁵ DCEs - Documento oficial editado pela SEED-PR no ano de 2006 estabelecendo as diretrizes curriculares para as disciplinas da Educação Básica no Estado do Paraná.

⁶ Plano de Trabalho: Documento elaborado pelos professores participantes PDE apresentando a proposta de trabalho a ser implementada no transcorrer do curso.

⁷ Material Didático: Proposta de trabalho que norteará as atividades de intervenção na escola.

Paraná, que define os rumos da disciplina de Geografia para a Educação Básica no Estado do Paraná e nos trabalhos já publicados sobre o tema.

Dentre estes trabalhos destacamos os estudos sobre leitura de imagens e cultura visual de SARDELICH⁸, os estudos de interpretação de imagens para os grandes temas de Geografia de CARVALHO et al.⁹, de construção de materiais didáticos de FURLAN¹⁰, de construção de conceitos no ensino de Geografia de CAZETTA¹¹, da leitura do mundo nas séries iniciais do Ensino Fundamental de CALLAI¹² e da fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia de TRAVASSOS.¹³

Para fins de sistematização este roteiro foi estruturado em tópicos. O primeiro trata da contextualização do tema apresentando uma reflexão teórico-metodológica sobre o papel da Geografia enquanto disciplina comprometida em tornar o mundo mais compreensível através de uma leitura e interpretação crítica do espaço, de forma que o aluno possa fazer uma avaliação melhor da realidade em que vive sob a perspectiva de transformá-la. Para isso trata da formação do conceito de paisagem na construção do conhecimento geográfico através da leitura visual utilizando os recursos da fotografia numa perspectiva problematizadora e interdisciplinar.

Os dois tópicos seguintes abordam os conteúdos estruturantes e os materiais didáticos considerando a necessidade do professor direcionar os assuntos trabalhados segundo os conteúdos estruturantes previstos nas DCEs e os meios pelos quais os professores poderão proporcionar o acesso das imagens aos alunos.

No tópico procedimentos metodológicos, procuramos elencar um conjunto de ações que poderão ser desenvolvidas pelos professores nas aulas de Geografia, através da leitura e interpretação de paisagens pela fotografia, levando em consideração as orientações metodológicas estabelecidas nas Diretrizes Curriculares do Estado. Consideramos que os procedimentos para leitura da imagem sejam desenvolvidos em três etapas (observação, análise e interpretação) para possibilitar a articulação das técnicas de leitura visual com os conteúdos trabalhados.

Destacamos ainda algumas recomendações complementares que poderão ser úteis aos educadores interessados em utilizar este recurso com mais frequência em suas práticas

⁸ SARDELICH, Maria Emilia. Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA.

⁹ CARVALHO, Vânia Maria de. Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁰ FURLAN, Sueli Ângelo. Departamento de Geografia – FFLCH – USP, assessora da SEF/MEC no Programa Parâmetros em Ação.

¹¹ CAZETTA, Valéria. FESB de Bragança Paulista.

¹² CALLAI, Helena Copetti. Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

¹³ TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo.

como fontes de pesquisa fotográfica, direitos autorais sobre fotografias, banco de imagens, e fotografias aéreas verticais, fotografias artísticas e fotografias antigas.

Na proposta de avaliação procuramos refletir sobre algumas possibilidades que a fotografia oferece como linguagem de expressão dos alunos, para ser utilizada pelos professores como uma forma de diversificar os instrumentos de avaliação, bem como alguns pontos que devem ser levados em consideração pelos professores ao se utilizarem deste recurso em suas práticas avaliativas.

Os dois últimos tópicos apresentam respectivamente sugestões de leituras complementares para os professores interessados em aprofundar seus conhecimentos e as referências utilizadas nesta pesquisa.

Este trabalho não tem a intenção de esgotar as discussões sobre o tema, constituindo-se em mais uma contribuição à educação paranaense construída com a experiência docente, leitura e pesquisa que se oferece aos professores do Ensino Fundamental e Médio, que pretendem conhecer um pouco mais sobre o uso deste recurso em sala de aula e experimentar o fascínio que a fotografia pode proporcionar aos alunos nas aulas de Geografia.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Não há como negar a importância da imagem como linguagem visual no mundo contemporâneo.

Difundida em quase todos os povos do mundo através dos meios de comunicação, a imagem desempenha atualmente papel fundamental na leitura e compreensão do mundo: dependendo dos objetivos de sua utilização pode servir tanto como instrumento para alienação das pessoas como meio de acesso e democratização do conhecimento.

Popularizada em quase todas as camadas sociais, a imagem utilizada para leitura do mundo numa perspectiva problematizadora e interdisciplinar, pode tornar-se uma grande aliada da educação no papel de formação dos sujeitos que enfrentarão os novos desafios impostos pela sociedade.

E com relação à Geografia, enquanto disciplina integrante do currículo escolar, que tratamento deve dar a imagem para auxiliar o aluno na leitura e compreensão do mundo? Que papel pode ter a imagem na formação de um aluno consciente das relações sócio-espaciais de seu tempo?

Como área do conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível, a Geografia deve envidar esforços no sentido de empreender um ensino para que o aluno ao se apropriar do conhecimento possa “ler e interpretar criticamente o espaço, sem deixar de considerar a diversidade das temáticas geográficas e suas diferentes formas de abordagens.”¹⁴

Neste sentido, a função da Geografia na escola é “desenvolver o raciocínio geográfico”, isto é, “pensar a realidade geograficamente” e “despertar uma consciência espacial.”¹⁵

O ensino da Geografia, portanto, deve pautar-se nas diferentes linguagens oportunizando ao aluno que ele próprio faça sua leitura e interpretação do mundo por aquela que considere mais significativa. Em outras palavras, o professor comprometido com um novo conceito de educação deve deixar de lado práticas tradicionais restritas à exposição oral, leitura do livro didático e memorização, e procurar novas metodologias para oportunizar a aprendizagem por diferentes olhares.

2.1 A paisagem na construção do conhecimento geográfico

Um dos conceitos para compreensão do espaço, tanto no Ensino Fundamental como no Médio, que será abordado no desenvolvimento deste trabalho é o conceito de paisagem.

Vista inicialmente como o resultado de um relacionamento harmonioso entre a natureza e o homem que ora se adaptava as condições naturais, ora produzia mudanças no meio em seu benefício através de técnicas que era capaz de desenvolver, o conceito de paisagem sofreu uma série de modificações através do tempo, entendendo-se hoje como sendo “o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e outros.” (SANTOS, 1988, p. 61).

Uma paisagem, portanto, não é formada, apenas por seus elementos visíveis, mas também pelos *não visíveis*¹⁶ cuja leitura para sua compreensão exige mais que a simples observação, é necessária uma leitura perceptiva e do espaço que varia de acordo com a seleção feita pelo olhar do observador.

¹⁴ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de Geografia para a Educação Básica**. Curitiba: MEMVAVMEM Editora, 2006, p. 31.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Elementos não visíveis não são percebidos a partir da observação pura e simples de uma imagem, mas a partir de sua análise ou interpretação.

Seguindo nesta mesma linha de raciocínio CALLAI (2005), considera as características culturais dos povos e os interesses envolvidos importante para a realização da leitura da paisagem. Para ela a leitura da paisagem será sempre “a apreensão que o sujeito faz, e não a verdade absoluta, neutra. Assim como a paisagem está cheia de historicidade, o sujeito que a lê também tem o seu processo de seleção do que observa. São verdades construídas, mas enraizadas nas histórias das pessoas, dos grupos que ali vivem.” (CALLAI, 2006, p. 238).

Já ASARI, ANTONIELLO e TSUKAMOTO (2004, p.178), consideram a observação da paisagem pelos alunos um meio para “desvendar sua essência” através do qual poderão “enxergá-la além de seus aspectos visíveis.”

2.2 A utilização da fotografia na leitura da paisagem

A utilização da fotografia como recurso para leitura e apreensão da paisagem, torna-se também um poderoso instrumento didático que poderá apresentar resultados significativos para a aprendizagem, se utilizado corretamente em sala de aula. A fotografia eterniza uma paisagem com apenas um clique que poderá se transformar num objeto de estudo, proporcionando ao aluno o mesmo visual do espaço fotografado.

É necessário, porém, superar alguns paradigmas quanto ao uso da fotografia em sala de aula. Sua utilização como mera ilustração de textos em livros didáticos, juntamente com outros métodos tradicionais que dão ênfase à memorização e a repetição pura e simples do que é ensinado vem se arrastando no tempo e precisam dar lugar a novas metodologias com a utilização de diferentes linguagens, entre as quais a visual.

Nas palavras de ASARI, ANTONIELLO e TSUKAMOTO (2004, p. 183), “(...) a utilização da fotografia pode estimular a observação e descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico ministrado.”

Mas o que é fotografia? Qual seu conceito enquanto recurso didático no ensino da Geografia?

Podemos dizer que fotografia é o registro visual de um determinado *espaço*¹⁷ num momento histórico, do ponto de vista de um observador. Nas palavras de KOSSY (1999, p. 143), “ela não é, nem pretende ser um raio-X dos objetos ou das personagens retratadas”, no

¹⁷ Neste contexto, espaço deve ser entendido como o produto das construções humanas e da natureza num determinado tempo histórico.

entanto, pelas possibilidades que oferece para leitura do espaço, certamente é um bom indicativo desta realidade.

Para TRAVASSOS (2001), a fotografia pode ser entendida como “uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de ‘materialização’ de lugares nunca antes visitados por alguns.”

Os dados, fatos e informações registradas pela fotografia representam a materialização seletiva e excludente do espaço num momento histórico. Em outras palavras, a imagem fora selecionada pelo enquadramento da câmera segundo a importância definida pelo olhar do fotógrafo, excluindo-se aquilo que considera menos importante. Como o momento exato do clique também fora selecionado pelo fotógrafo, a imagem obtida é o resultado da materialização do espaço num tempo histórico.

Utilizada como recurso didático no ensino da Geografia, a fotografia desenvolve no aluno sua percepção visual sobre o espaço retratado. Ela não substitui textos ou outras fontes de informação geográficas, mas se agrega a estes recursos cabendo ao professor ao fazer uso de diferentes linguagens, a opção de incluir a fotografia como mais uma possibilidade para tornar as aulas dinâmicas e prazerosas.

Por outro lado, a utilização da fotografia no contexto da aula não deve ser entendida como uma mera ilustração de textos escritos, como freqüentemente ocorre nos livros didáticos, nem como a expressão da verdade absoluta de uma determinada época e lugar.

A observação de uma imagem fotográfica fornece pistas da realidade segundo o olhar de quem a produziu, cabendo ao professor a tarefa de estimular os alunos para descobrir o significado dos elementos presentes na imagem, que poderão ser revelados através de sua leitura.

Neste contexto a análise crítica da imagem torna-se um importante recurso que se bem explorado pode trazer uma grande contribuição na construção dos conceitos geográficos. Nas palavras de ASARI, ANTONIELLO e TSUKAMOTO (2004, p. 194), “por mais que a fotografia seja produzida com certa finalidade, a sua representação vai conter um meio de informação e conhecimento, e o seu conteúdo irá ajudar o aluno a se constituir como um leitor crítico da paisagem, levando-o à compreensão de conceitos e acontecimentos, muitas vezes, abstratos e complexos.” As autoras inferem ainda que quando se observa determinada imagem, “fica-se imaginando o que aconteceu no passado, o porquê, ou como será no futuro, e, por alguns minutos que seja, viaja e começa-se a refletir sobre a imagem à frente (...).”

Por outro lado, na análise de uma fotografia em uma perspectiva problematizadora podemos constatar que sua imagem não corresponde à verdade histórica, absoluta, mas à realidade aparente, impregnada de valores de quem a produziu. Por esta razão, o professor precisa estar atento para conduzir sua leitura por diferentes pontos de vista de modo a facilitar as múltiplas interpretações pelos alunos.

Conforme nos ensina ASARI, ANTONIELLO e TSUKAMOTO (2004, p. 180) é preciso levar em consideração que “uma mesma imagem sempre terá interpretações significativas diferenciadas entre dois ou mais observadores, mesmo a realidade registrada sendo fixa ou imutável.”

Desta forma, o aluno precisa saber quem produziu a imagem que está sendo estudada, em que época, com qual objetivo, em que contexto, etc. Na visão de KOSSY (1999 p. 143), “é justamente nas possibilidades que a imagem oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que reside o seu fascínio.”

Como mediador do conhecimento, o professor deve estimular o aluno a ter uma posição crítica incentivando-o a questionar não só os elementos mostrados na imagem, mas também o contexto que levou à sua produção. Nesse sentido o professor poderá propor aos alunos consultas a outras fontes documentais disponíveis (livros, jornais, revistas, vídeos etc.) no sentido de contextualizar o assunto, comparando-os com as imagens e aprofundando sua análise.

3. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

Considerando que esta pesquisa trata da elaboração de um roteiro para utilização da fotografia como recurso didático nas aulas de Geografia, através da qual se pode fazer a leitura da paisagem sob diversos pontos de vista, sua utilização dependendo do enfoque dado pelo professor poderá contemplar qualquer um dos quatro conteúdos estruturantes apontados nas DCEs (dimensão econômica da produção do/no espaço; geopolítica; dimensão socioambiental e dinâmica cultural e demográfica).

4. MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

A seleção dos materiais e equipamentos a serem utilizados nas atividades que envolvem o uso da fotografia pode variar de acordo com a atividade.

Em geral a leitura de paisagem através de fotografias exige que a imagem seja disponibilizada ao aluno por meio impresso (cópias), eletrônico (TV), informatizado (computador) ou através de projeção ampliada (retroprojeto, aparelho multimídia etc.).

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os inúmeros trabalhos científicos que dão ênfase ao uso da fotografia como recurso didático, permitem fazer uma avaliação do grau de importância deste recurso na apropriação do conhecimento geográfico.

No entanto, a experiência de vários anos de magistério no ensino da Geografia nos tem mostrado que na prática, seu uso não vem ocorrendo com a frequência desejada. As metodologias mais utilizadas ainda são as aulas expositivas ou “cuspe e giz” como é conhecido no meio docente e as tradicionais “aulas de vídeos”, muitas vezes selecionadas sem critério, ou escolhidas na base do improviso, que além de não despertar o interesse do aluno, contribui para seu baixo rendimento escolar.

Mas como mudar este quadro? Como construir uma metodologia que oriente o professor nos procedimentos a serem adotados para a utilização correta da fotografia na sala de aula?

Este capítulo tratará da construção de um conjunto de ações que poderão ser desenvolvidas pelos professores para a leitura da paisagem utilizando o recurso da fotografia, levando em consideração as orientações das Diretrizes Curriculares do Estado para a Educação Básica.

5.1 Algumas recomendações das DCEs

As DCEs para o ensino de Geografia propõem que os conteúdos específicos sejam trabalhados de forma “crítica e dinâmica, de maneira que a teoria, a prática e a realidade estejam interligadas, em coerência com os fundamentos teóricos propostos”, bem como que se amplie a abordagem dos conhecimentos específicos que deles são derivados, disponíveis em “diferentes materiais didáticos.” (p. 41).

Para o Ensino Fundamental as DCEs propõem que o espaço geográfico deve ser compreendido como “resultado da integração entre dinâmica físico-cultural e dinâmica humano-social”, e que os conteúdos “transitem entre os diferentes níveis de escalas de

análise” (5ª Séries); que os fenômenos citados na escala nacional (Brasil) sejam relacionados quando possível, à realidade mundial (6ª Séries); e que para maior compreensão do espaço no processo de globalização, sejam incentivadas as reflexões sobre “aspectos socioambientais”, e “relações de poder político e econômico entre os continentes”, com “retorno ao espaço local sempre que necessário” (7ª e 8ª Séries). (p. 43-44).

Já em relação ao Ensino Médio, as DCEs sugerem que os conteúdos sejam aprofundados em abordagens que considerem o “princípio da complexidade crescente”, com um tratamento relacional dos conteúdos, “respeitada a maior capacidade de abstração do aluno e sua possibilidade de formações conceituais mais amplas”. Enfatiza também que os conteúdos estruturantes sejam “o ponto de partida e chegada para os conteúdos específicos” e que estes deverão “articular os aspectos naturais, econômicos, sociais, políticos e culturais, nas diversas escalas geográficas e nas relações urbano-rurais.” (p. 44).

Já para os conteúdos específicos a recomendação é que sejam organizados numa seqüência “que parta da atual ordem mundial” e “problematize as categorias de análises” (relações de poder, relações sociedade-natureza e relações espaço-temporais) que contribuíram para essa constituição do espaço geográfico. Estas categorias de análises deverão estar presentes na abordagem dos diversos critérios de regionalização do espaço geográfico até a formação dos blocos regionais, bem como na seleção de outros conteúdos específicos que “envolverão também aspectos socioambientais e culturais dos diversos recortes espaciais e devem incluir o Brasil e o Paraná.” (p. 44-45).

Finalmente, em relação aos conteúdos que envolvam a temática da história e cultura afro-brasileira e africana, as DCEs preconizam a necessidade de “serem vistos nas diferentes séries do Ensino Fundamental e Médio”, e relacionados com qualquer conteúdo estruturante cujo trabalho pedagógico pode ser feito por meio de mapas, maquetes, textos, imagens, fotos etc.

Em relação ao uso de imagens nas aulas de Geografia as DCEs recomendam sua utilização para problematização dos conteúdos desde que explorados “à luz de seus fundamentos teórico-conceituais”, devendo ser evitado seu uso “apenas como ilustração daquilo que o professor explicou ou que pretende explicar”. As imagens também poderão auxiliar no trabalho de “formação de conceitos geográficos”. Para isso, será “ponto de partida para atividades de sua observação e descrição” em pesquisas investigatórias que levantem “aspectos históricos, econômicos, sociais, culturais, naturais da paisagem em estudo.” (p. 47).

A partir da compreensão da historicidade e do sistema de ações que constituem uma paisagem poderá ser desenvolvido o conceito de espaço geográfico, cujo

aprofundamento dependendo do direcionamento da pesquisa servirá para desenvolver os conceitos de região, território e lugar.

Finalmente citando VASCONCELOS (1993), as DCEs preconizam que o uso de recursos audiovisuais (entre estes a imagem) deve levar o aluno a “duvidar das verdades anunciadas e das paisagens exibidas”, cuja suspeita “instigará a busca de outras fontes de pesquisa necessária para sua análise crítica.” (p. 47).

5.2 Procedimentos para leitura da paisagem através da fotografia

Partindo do conceito de que “ler” uma paisagem consiste em observar, analisar e interpretar suas diferentes expressões atribuindo significados aos diversos elementos que a compõem, elencamos a seguir, alguns passos que poderão ser seguidos pelos professores no encaminhamento de atividades de leitura de paisagens pela fotografia.

a) Observação

A observação é o passo inicial nas atividades que envolvem a leitura de imagem e consiste em procedimentos que visem reconhecer os elementos que compõem a paisagem, definir suas naturezas, identificar as unidades paisagísticas presentes, o ponto de vista do observador entre outros.

Pode ser feita de forma espontânea, isto é, realizada sem nenhuma interferência externa onde é o próprio observador que prioriza a observação segundo seus critérios e relata o que mais lhe chamou a atenção na fotografia, ou dirigida, quando realizada seguindo um roteiro previamente elaborado com objetivos previamente definidos, cujo encaminhamento poderá ser feito com de perguntas como: O que a foto está mostrando? Que lugar é este? Em que época ocorreu determinados fatos? Quais os elementos constitutivos da paisagem? Quais foram construídos pela natureza? E pelo homem? Quais os que mais se destacam? Quais os que mais se identificam com nossa região?

A observação dirigida poderá ter caráter temático (quando encaminhada através de um roteiro específico com questões voltadas para um determinado tema) ou geral (quando tratar de todos os assuntos susceptíveis de serem observados). Como sugestão, o professor poderá organizar uma atividade de observação dividindo a turma em equipes onde cada uma delas poderá fazer a observação de uma imagem sob pontos de vista diferentes (ambiental,

econômico, social, histórico, político etc.). Ao final o professor poderá propor uma discussão no grande grupo para socialização.

A observação dirigida também poderá ter caráter comparativo onde o observador poderá comparar imagens de um mesmo espaço feito em épocas diferentes para verificar o que mudou ou o que permanece inalterado. A comparação também poderá ser feita com imagens de locais diferentes para ver o que é peculiar de cada um ou o que há em comum, etc.

Dependendo da dinâmica que o professor adotar para sua aula, a atividade de observação poderá resultar na produção de um texto, um quadro informativo, um desenho, relatos orais, discussão em grupos, apresentação em seminários, etc.

b) Análise

Este procedimento tem por objetivo dar sentido aos elementos presentes na imagem ou encontrar explicações para o *arranjo espacial*¹⁸. Analisar, portanto, uma fotografia é procurar fazer relações dos elementos identificados na paisagem entre si, ou no seu conjunto.

Pode ser feita a partir da observação dos elementos presentes na paisagem, sejam eles naturais como relevo, cobertura vegetal e hidrografia e outros construídos pela ação humana como cidades, campos de cultivo, estradas e portos, etc.

Quanto aos elementos naturais poderá, por exemplo, ser feita a relação entre as formas do relevo observadas na fotografia com suas respectivas origens geológica; entre a vegetação predominante com o clima; o volume de água do rio com sua bacia hidrográfica ou com o regime de chuvas etc.

Em relação aos elementos construídos pelo homem a análise poderá ser feita, por exemplo, entre as observações do uso do solo nos campos de cultivo ou nas áreas urbanas com as atividades econômicas, entre as grandes obras de intervenção na paisagem natural com os interesses políticos ou econômicos regionais, nacionais e até internacionais.

Em qualquer caso o professor ao fazer o encaminhamento deverá problematizar o tema com questões que conduzam os alunos a fazerem suas próprias relações. Este procedimento exige conhecimentos anteriores dos alunos, o que em geral, nem sempre é perceptível dado a heterogeneidade das turmas. Neste caso o professor ao verificar

¹⁸ Neste contexto, arranjo espacial deve ser entendido como a maneira como os diversos elementos estão dispostos num determinado espaço.

deficiências na aprendizagem deverá encaminhar atividades complementares para auxiliá-los a entender melhor o contexto geográfico do espaço retratado.

c) Interpretação

A interpretação de uma paisagem é o último passo neste conjunto de procedimentos para leitura de imagem e consiste em procurar explicações para os diversos elementos observados, tanto de forma isolada como no seu conjunto, relacionando-os com seus conhecimentos geográficos anteriores.

O exercício da busca de explicações é talvez o momento mais importante na leitura da imagem na medida em que possibilita ao aluno questionar sobre as possíveis relações entre os elementos da paisagem, cogitando possibilidades e refletindo sobre as razões do arranjo espacial no conjunto.

Quando realizado numa perspectiva problematizadora, este procedimento pode conduzir o aluno a reconhecer também os elementos não visíveis da paisagem, que num primeiro momento não foram objeto de observação como aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais de uma paisagem. Uma fotografia de uma favela, por exemplo, pode ser uma excelente fonte de pesquisa para identificar as condições de vida da população, pois além dos aspectos visíveis com as questões habitacionais, ambientais ou de transportes que são facilmente observados, é possível fazer uma reflexão sobre outros temas importantes relacionadas com a qualidade de vida dos moradores como renda, desemprego, segurança, condições sanitárias, etc.

A comparação entre duas imagens retratando padrões habitacionais diferenciados, por exemplo, permite analisar a distribuição de renda da população. Se nestas fotos for possível identificar aspectos da infra-estrutura urbana como sistema de transportes, pavimentação de ruas, praças e áreas verdes pode-se refletir sobre o papel do estado na implementação das políticas públicas, etc.

É preciso destacar também a importância do papel do professor nos procedimentos de interpretação de imagens. Como mediador do conhecimento, o professor poderá orientar os alunos na formulação de hipóteses sobre as possíveis explicações e, em seguida tentar comprová-las através de pesquisas complementares, possibilitando ao aluno buscar seu próprio conhecimento.

O professor também poderá encaminhar atividades que possibilitem a interpretação da paisagem por diferentes olhares. Este procedimento ajuda o aluno a

desenvolver o senso crítico reconhecendo os diferentes interesses manifestados pela população sobre o mesmo espaço. Como uma paisagem, por exemplo, localizada na região amazônica coberta por florestas nativas é vista pelo olhar de um madeireiro? E pelo olhar de um fazendeiro? Como esta mesma paisagem é vista por um militante de movimento ecológico? E pelos governantes? Por que estes olhares são tão antagônicos?

A partir do levantamento dos diferentes pontos de vista é possível encaminhar discussões que procurem explicar o porquê de determinada paisagem ter ou não sofrido intervenção humana? Quem são os agentes modificadores? Quais os interesses que estão em jogo, etc.

É sempre importante destacar que uma fotografia não representa a verdade absoluta, mas apenas um ponto de vista, que deve ser complementado com outras fontes de informação para que a leitura crítica do espaço atinja os objetivos esperados.

Neste aspecto reafirmamos a importância do papel do professor como mediador, no sentido de despertar no aluno o interesse pela busca de informações complementares para construir seu próprio conhecimento.

5.3 Recomendações complementares

Apresentamos a seguir algumas recomendações complementares que poderão ser útil aos professores interessados em agregar com mais frequência o uso da fotografia na sua prática pedagógica.

a) Fontes de pesquisa fotográfica

Com o advento da tecnologia digital a fotografia atingiu atualmente um grau de popularidade que não poderia ser imaginado há algumas décadas atrás.

Além das fontes tradicionais para obtenção das imagens fotográficas como livros, revistas, jornais e álbuns de família, há os recursos da internet que um clique do mouse pode disponibilizar na tela do computador milhares de fotografias sobre um determinado assunto, previamente selecionado.

A difusão das câmeras digitais hoje atreladas aos telefones celulares popularizou a produção de fotografias entre as diversas camadas sociais. O uso de recursos tecnológicos para digitalização, projeção, ampliação e impressão de imagens vem se tornando rotineiro e facilitando o trabalho dos professores na organização de suas aulas.

b) Direitos autorais sobre fotografia

Um cuidado especial que o professor deve ter na utilização de fotografias, diz respeito aos direitos intelectuais do autor da imagem que são protegidos no Brasil pela Lei 9.610/98 de 19 de fevereiro de 1998 (Lei dos Direitos Autorais) ¹⁹.

Quem for utilizar imagens fotográficas produzida por terceiros deverá ter autorização prévia e expressa do autor sob pena de responder por apropriação indevida de propriedade intelectual sujeita as sanções previstas em lei.

A mesma lei também estabelece que a fotografia, quando utilizada por terceiros, indicará de forma legível o nome do seu autor. É o chamado crédito, cuja ausência só é possível quando o autor exige anonimato. Portanto, é preciso estar atento para não infringir os dispositivos legais, e assim evitar problemas futuros.

c) Banco de imagens

O professor poderá fazer uma seleção criteriosa das imagens que pretende utilizar em suas aulas, cadastrando-as por tema e organizando-as em um banco de imagens próprio para auxiliar no seu futuro trabalho com imagens em sala de aula.

Digitalizar as fotografias numa boa resolução e organizar um banco de imagens no computador com informações básicas sobre elas facilitará o trabalho do professor ao utilizar esta ferramenta para ministrar suas aulas.

O professor poderá manter o banco de imagens sempre atualizado agregando periodicamente novas fotos, o que poderá ser feito com a contribuição dos próprios alunos.

d) Fotografias aéreas verticais

Por ser produzida por um ângulo pelo qual não estamos acostumados a observar, sua leitura exige um trabalho de decodificação da imagem. Neste sentido, é preciso que o professor esteja bem familiarizado com a leitura de fotografias aéreas verticais para que o trabalho com os alunos seja produtivo.

¹⁹ O texto completo da Lei dos Direitos Autorais poderá ser obtido no endereço eletrônico <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9610.htm>>.

A partir das fotografias aéreas verticais o professor poderá trabalhar uma série de conteúdos geográficos utilizando as ferramentas da cartografia para representação do espaço.

Material para trabalhar com este tipo de imagem pode ser conseguido junto aos órgãos públicos encarregados de mapeamentos ou representações espaciais. Em grande parte dos municípios brasileiros é possível obter fotos aéreas verticais através do programa Google Earth.²⁰

e) Fotografias artísticas

As fotografias artísticas podem ser um importante recurso didático para ser trabalhado em todas as disciplinas do currículo escolar.

Nas aulas de Geografia, as fotografias artísticas se exploradas corretamente, possibilitam a compreensão de diversos aspectos da realidade. Para isso o professor deve contemplar os aspectos geográficos abordados na imagem como os elementos naturais da paisagem, as construções humanas, o comportamento das pessoas representadas como o tipo de vestimentas, classe social, trabalhos que estão sendo executados e recursos que estão sendo explorados.

A leitura de fotografias artísticas feita em atividades conjuntas com professores de outras disciplinas pode ser mais produtiva por possibilitar a apropriação do conhecimento por diferentes áreas do conhecimento evitando a fragmentação dos conteúdos.

f) Fotografias antigas

O trabalho com fotografias antigas constitui um valioso recurso didático que também poderá ser explorado em todas as disciplinas do currículo. Especificamente na disciplina de Geografia, pode servir para comparar imagens de um mesmo espaço feito em épocas diferentes, possibilitando observar sua dinâmica no tempo através das transformações que os elementos sofreram.

As fotografias antigas também fornecem pistas importantes sobre o modo de vida das pessoas, as relações de trabalho, as atividades econômicas, o uso de tecnologias, os meios de transportes, os recursos naturais, a arquitetura das construções, etc. Seu estudo pode estar

²⁰ O programa Google Earth poderá ser acessado através do endereço: <<http://earth.google.com/intl/pt/>>.

associado a outros materiais antigos como adornos, instrumentos de trabalhos, objetos de uso pessoal, utensílios domésticos, etc.

Se a imagem é de uma cidade ou de um bairro conhecido, o professor poderá se utilizar deste recurso para organizar uma aula de campo para observações *in loco* o que possibilita ao aluno comparar o mesmo espaço em dois momentos distintos.

A interpretação crítica da dinâmica espacial numa perspectiva problematizadora possibilita o levantando de questões que poderão ser abordadas em pesquisas complementares em outras fontes como bibliotecas, museus, arquivos históricos, jornais, ou entrevistas com moradores antigos.

6. PROPOSTA DE AVALIAÇÃO

A experiência de vários anos de atuação no magistério nos tem possibilitado inferir que, apesar das facilidades que se tem atualmente com as tecnologias digitais para produção, reprodução, edição e impressão de imagens, o uso de fotografias como forma de expressão em atividades de avaliação escolar não é comum.

Considerando que uma de suas prováveis causas, pode ser o desconhecimento dos professores sobre os procedimentos metodológicos para trabalhar com este recurso, este tópico procura refletir sobre algumas possibilidades que a fotografia oferece como forma de diversificar os instrumentos de avaliação contemplados nas DCEs.

Segundo este documento, a avaliação é parte do processo pedagógico que deve “acompanhar a aprendizagem dos alunos” e “nortear o trabalho do professor” através de uma avaliação “diagnóstica e continuada” que considere os “ritmos diferentes de aprendizagem” e a “possibilidade de intervenção a qualquer tempo.” (p. 49).

A avaliação também deve permitir que o professor procure “caminhos novos” para que os alunos aprendam e participam mais das aulas, devendo ser desenvolvida nas duas formas: “formativa” e “somativa” utilizadas para suas diferentes finalidades, através de “instrumentos que contemplem várias formas de expressão dos alunos”, selecionados “de acordo com cada conteúdo e objetivo de ensino.” (p. 49).

Ainda segundo as DCEs, os critérios que devem nortear a avaliação são a “formação dos conceitos geográficos básicos” e o “entendimento das relações sócioespaciais” desenvolvidas pelos professores através de ações pedagógicas com alicerces no “estudo e a reflexão” o que por sua vez instiga-o a “prosseguir o aprofundamento teórico.” Finalmente

destaca a importância de valorizar a noção de que o aluno ao final do percurso possa “avaliar melhor a realidade em que vive sob a perspectiva de transformá-la”. (p. 49).

Dentre as orientações contidas nas DCEs destaca-se a leitura e interpretação de fotos como sendo uma das várias formas de expressão dos alunos, e que, portanto, deve ser utilizada pelos professores de Geografia nas suas práticas avaliativas não como uma ação pedagógica isolada, mas incorporada as demais linguagens educacionais “de acordo com cada conteúdo e objetivo de ensino.” (p. 49).

Portanto, ao elaborar suas atividades de avaliação, além das recomendações explícitas nas DCEs, o professor deve ficar atento para alguns pontos específicos ao uso da fotografia que destacamos a seguir:

a) Domínio da leitura visual

Ao utilizar imagens em avaliações, é imprescindível que o professor já tenha trabalhado anteriormente com este recurso. O aluno precisa ter domínio prévio da leitura e interpretação de fotografias, sem o qual se torna improdutiva qualquer tentativa de avaliação por este instrumento. Não se pode solicitar ao aluno que responda questões por meio de um instrumento que ele não esteja familiarizado.

b) Escolha criteriosa da imagem

A imagem utilizada pelo professor deve expressar claramente o que se pretende avaliar. Mesmo nos casos em que parece não haver dúvidas, o professor precisa levar em consideração as interpretações subjetivas do aluno.

c) Clareza no conteúdo e objetivo de ensino

É preciso ter bem claro o conteúdo e objetivo de ensino que se pretende avaliar, e os critérios que devem norteá-los (formação dos conceitos geográficos básicos e entendimento das relações sócioespaciais). É necessário também usar uma linguagem clara e compreensível para que o aluno tenha clareza do que lhe está sendo solicitado responder.

d) Procedimentos para avaliação

Selecionada a imagem e tendo claros os conteúdos e objetivos que se pretende avaliar, o professor elaborará as questões utilizando para isso a leitura, análise e interpretação de fotografias que poderão ser feitas através de comparação de imagens, seleção de seus elementos, relação dos elementos entre si, no seu conjunto ou com outros elementos conhecidos, formação de conjuntos homogêneos, relação com conhecimentos geográficos anteriores, explicações para hipóteses levantadas etc.

Para se expressarem os alunos poderão se utilizar das diversas linguagens educacionais nas suas formas escrita (produção de textos ou relatórios), imagética (desenhos, gráficos), oral (falada) ou dramatizada (encenações), que poderão ser desenvolvidas individualmente, em pequenos grupos ou de forma coletiva.

e) Diversificação dos instrumentos

As respostas dadas pelos alunos através de questões envolvendo o uso de fotografia, até por uma questão de subjetividade não asseguram que o diagnóstico expressa a realidade. Portanto, o professor ao constatar que o aluno não atingiu o rendimento desejado, além da recuperação costumeira deve oportunizar uma nova avaliação onde o aluno possa se manifestar por outro instrumento.

Para uma prática avaliativa utilizada com critérios e coerência que possibilite ao aluno “avaliar melhor a realidade em que vive sob a perspectiva de transformá-la”, o professor precisa considerar que a avaliação não é um fim em si mesmo, mas um meio tanto para “acompanhar a aprendizagem dos alunos” quanto para “nortear o trabalho do professor”. (DCEs, p. 49).

Nas palavras de VASCONCELLOS (1995, p.70): “o que se espera de uma avaliação numa perspectiva transformadora é que os seus resultados constituam parte de um diagnóstico e que, a partir dessa análise da realidade, sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar os problemas constatados: perceber a necessidade do aluno e intervir na realidade para ajudar a superá-la”.

7. PARA SABER MAIS

ASARI, Alice Yatiuo; ANTONELLO, Ideni Terezinha; TSUKAMOTO, Ruth Youko (org.) **Múltiplas Geografias: ensino – pesquisa – reflexão**. Londrina: Edições Humanidades, 2004.

FURLAN (2002) **A Geografia na sala de aula: a importância dos materiais didáticos**. Salto Para o Futuro/TV Escola. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/mp/tetxt4.htm>>

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa**. Cadernos de Pesquisa. v. 36, n. 128, p. 451-472, mai/ago, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. **A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia**. In: Revista de Biologia e Ciências da Terra. Volume 1, n. 2, p. sn, 2001. Disponível em: <<http://209.85.165.104/search?q=cache:n85nkdbML1EJ:www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/fotografia.pdf+foografia+ensino+geografia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>>

8. REFERÊNCIAS

ASARI, Alice Yatiuo; ANTONELLO, Ideni Terezinha; TSUKAMOTO, Ruth Youko (org.) **Múltiplas Geografias: ensino – pesquisa – reflexão**. Londrina: Edições Humanidades, 2004.

CALLAI Helena Copeti. **Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2007.

_____. **A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** Terra Livre, São Paulo, n. 16, 2001.

CARVALHO, Vânia Maria Salomon Guaycuru de *et al.* **Guia prático de interpretação de imagem para o ensino dos grandes temas da Geografia**. In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 11, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, INPE, p. 755-761, 2003. Disponível em <http://marte.dpi.inpe.br/col/ltid.inpe.br/sbsr/2002/11.14.12.26/doc/07_170.pdf> Acesso em: 11 jun. 2008.

CAZETTA, Valéria. **As Fotografias aéreas verticais como uma possibilidade na construção de conceitos no ensino da Geografia**. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n.60, p. 210-217, ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003000200008> Acesso em: 09 out. 2007.

_____. **Práticas educativas com fotografias aéreas verticais em uma pesquisa colaborativa**. Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XII, nº 713, 25 de marzo de 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-713.htm>> Acesso em: 12 abr. 2007.

FURLAN (2002) **A Geografia na sala de aula: a importância dos materiais didáticos.** Salto Para o Futuro/TV Escola. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins/2002/mp/tetxt4.htm>> Acesso em: 23 abr. 2007

KOSSY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

NASCIMENTO, Ederson; KRUNN, Karine. **A utilização de imagens de Sensoriamento Remoto no ensino da Geografia:** uma experiência de capacitação de professores. Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. Florianópolis, Brasil, 21-26 abril 2007, INPE, p. 1545-1550. Disponível em: <<http://marte.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.16.02.46/doc/1545-1550.pdf>> Acesso em: 22 maio 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de Geografia para a Educação Básica.** Curitiba, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa.** Cadernos de Pesquisa. v. 36, n. 128, p. 451-472, mai/ago, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>> Acesso em: 26 jul. 2007.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. **A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia.** In: Revista de Biologia e Ciências da Terra. Volume 1, n. 2, p. sn, 2001. Disponível em: <<http://209.85.165.104/search?q=cache:n85nkdbML1EJ:www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/fotografia.pdf+foografia+ensino+geografia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>> Disponível em: 19 jun. 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad – Centro de Formação e Assessoria, 1993.